

FAZ SENTIDO BUSCAR RESSACRALIZAR O MUNDO EM PLENO SÉCULO XXI? CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DE CARL G. JUNG E DORA FERREIRA DA SILVA.

Laura Villares de Freitas

(Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/ Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica/ International Association for Analytical Psychology) Email: lauvfrei@usp.br

RESUMO: O texto articula ideias e textos de Carl Gustav Jung e Dora Ferreira da Silva, tomando a poesia como a expressão do sagrado no mundo contemporâneo. Conceitos junguianos de consciência e *Self* são referidos, assim como símbolo, função compensatória da psique e processo de individuação. Como Dora Ferreira da Silva foi importante tradutora de Jung, o tema da tradução é posto em foco e, para tal, recorre-se às correspondências de Guimarães Rosa com Meyer-Clason e Bizzarri, respectivamente seus tradutores para o alemão e o italiano, em busca da dimensão criativa e transcendente nesse trabalho. Excertos das cartas são fornecidos, assim como poemas de Dora Ferreira da Silva. Traduzir é considerado como conviver, recriar e ressacralizar, na medida em que o que busca é contatar a mesma fonte de criatividade que inspirou o autor, o que acaba por configurar uma atitude simbólica na relação que se estabelece e no próprio ofício do tradutor. No caso de Dora, sua poesia acaba impregnada por aspectos que vão ao fulcro das ideias junguianas. Seu trabalho como poeta e tradutora é então tomado como uma atitude de cuidadosa consideração de tudo o que se apresenta e, neste sentido junguiano, tem um potencial ressacralizador do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Carl Gustav Jung (1875-1961); Dora Ferreira da Silva (1918-2006); João Guimarães Rosa (1908-1967); poesia; sagrado; tradução.

FAZ SENTIDO BUSCAR RESSACRALIZAR O MUNDO EM PLENO SÉCULO XXI? CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DE CARL G. JUNG E DORA FERREIRA DA SILVA.

Laura Villares de Freitas (IPUSP/SBPA/IAAP)

Email: lauvfrei@usp.br

A psicologia junguiana reconhece no artista a capacidade de acessar e expressar elementos que, em sua dimensão simbólica, podem compensar e mesmo curar unilateralidades e radicalidades de seu contexto e época. Seu ser e seu ofício costumam servir como um espelho peculiar, que mobiliza, desafia, interroga, convoca, incita reflexões e pode também trazer alento. A possibilidade de experiência do numinoso, ou do sagrado, faz parte da personalidade do artista de uma maneira tal, que ele acaba por ocupar um lugar distinto na psique coletiva.

Destacam-se nessa abordagem psicológica a relação entre ego e *Self*, a perspectiva de autorregulação constante por meio dos símbolos, a função compensatória entre consciência e inconsciente, a pluralidade psíquica, a abertura para o transcendente e o processo de individuação. A consciência é tomada em diferentes maneiras de funcionamento e há uma ênfase em dois tipos distintos de pensamento, cada um respectivamente mais caracterizado por *mythos* ou por *logos*.

O poeta é o artista que, por excelência, apoiado em sua maestria com a palavra, pode articular tais particularidades e diferentes aspectos, com isso muitas vezes vindo a colaborar para uma possível transformação e cura de dissociações presentes na cultura. Nossa época, tão marcada por um exagero da técnica, do narcisismo e de polarizações radicais, algumas vezes chegando a buscar, sem encontrar, sínteses criativas, carece da arte e, em particular, da poesia, como caminhos que trazem uma possibilidade renovada de construção de subjetividade, numa maneira em que a experiência e o desenvolvimento de uma consciência ética são seus principais pilares e frutos.

Dora Ferreira da Silva ocupa lugar privilegiado nesta temática. Viveu de 1918 a 2006, em São Paulo. Foi grande estudiosa de humanidades, poeta e tradutora. Sua poesia, ainda hoje, merece maior consideração, dada sua profundidade e beleza formal. Como a principal tradutora de obras centrais de Carl Gustav Jung, foi capaz de emergir de tal trabalho com uma apreensão profunda de sua visão de ser humano e de mundo, a qual passou também a expressar em forma poética de maneira singular e belíssima.

Lançar um fecho de luz sobre a relação entre Dora e Jung cria inevitavelmente um caleidoscópio, em que se destacam múltiplas facetas. Dora foi a melhor tradutora de algumas obras centrais de Jung e isto não pode ser omitido ou minimizado. Por outro lado, considerar que sua relação com Jung limitou-se apenas às traduções que fez de textos dele é pouco, se nos pusermos a observar o quanto ela se impregnou do espírito junguiano e soube também expressá-lo em poemas e em alguns ensaios, realizando seus próprios recortes, suas próprias sínteses e ali investindo sua sensibilidade e criatividade poética.

Feita esta ressalva, será a seguir privilegiada a faceta de Dora como tradutora de Jung, que nos possibilita lê-lo em bom português. Mas sem perder de vista o caleidoscópio e buscando resgatar também a sua peculiar expressão de algo essencial na visão junguiana.

São de Dora, algumas vezes em colaboração, as traduções dos textos de Jung “Psicologia e Poesia” e “Carta de C.G. Jung a sua mulher de Soussa, Tunísia”. Também o livro póstumo “Memórias, sonhos, reflexões” e os volumes “Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade”, “Aion – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo”, “O Segredo da Flor de Ouro”, “O Eu e o Inconsciente”, “Psicologia e Alquimia”, “Psicologia e Religião Oriental”, “*Aurora Consurgens*” (em *Mysterium Conjunctionis*, considerada pelo próprio Jung sua obra máxima), “Psicologia e Religião”, “Estudos Alquímicos” e “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”.

O parágrafo anterior elenca escritos junguianos que fornecem um eixo central para compreensão das ideias deste autor, um verdadeiro fio norteador para percorrer sua visão de ser humano, e de vida humana, atualmente editada em mais de vinte volumes. São textos que vão ao fulcro de seu pensamento original.

Jung, além de construir sua própria visão sobre o ser humano, empenhou significativos esforços em divulgar a psicologia de maneira geral, e buscar assentá-la como sólida área de conhecimento em diferentes países. Algumas de suas conferências e textos hoje publicados tinham tal intenção. Mas não foram essas as traduções a que Dora se dedicou. Ela acabou por trabalhar com o que era distintivo em Jung, os pontos onde estava a sua inquietação, sua busca pessoal, sua originalidade e perspicaz intuição, mesmo quando ele próprio ainda não era capaz de discorrer com grande clareza sobre o que o inquietava e fazia refletir.

Jung viveu de 1875 a 1961, na Suíça. Apenas em 2009 foi publicado o seu *Livro Vermelho*. Tal demora justifica-se por não se tratar exatamente de um livro que ele tivesse escrito com vistas à publicação, mas de seu diário passado a limpo, entre 1913 e 1930, época em que ele, recém rompido com o grupo de psicanalistas ao redor de Freud, abriu-se deliberadamente a seu próprio inconsciente e buscou elementos na cultura que lhe indicassem precursores de suas ideias e o estimulassem a formular seus próprios conceitos. Pode-se apenas imaginar que Dora teria traduzido também esta obra do alemão, e o faria com o cuidado e o primor de quem conhece as línguas e, sobretudo, de quem consegue estabelecer uma atitude de alteridade com o pensamento e a vida do autor. Ela alcançava a essência de Jung com grande sensibilidade e respeito.

Dora, que até se casar com o filósofo Vicente Ferreira da Silva, se chamava Dora Mariana Ribeiro, continuou até o final da vida em uma interlocução própria com o texto de Jung, persistindo em seu trabalho de tradução de obras dele e comungando de suas ideias sobre arte, religião e mitologia. Dedicou-lhe, ainda, em 1988, o poema “Dora Calamares” (SILVA, 1999), em que se reconhece brindada pela poesia como uma dádiva divina. Escreveu também o poema “*Aion*” (SILVA, 1999), cujo título coincide com o de uma obra de Jung e se refere ao tempo no sentido mais amplo e universal possível, o tempo considerado, em ambos os autores, embaixador para algo essencial no ser humano, que de maneira alguma coincide com o tempo cronológico, ou mesmo com a dimensão única do tempo apreendido por *kairós*, antes fornecendo a ambos um pano de fundo transpessoal.

Traduzir é conviver

Falar de Dora e Jung é, em muito, falar do ofício do tradutor. Dora, além de Jung, traduziu D.H. Lawrence, W.B. Yeats, T.S. Eliot, Saint-John Perse, Novalis, O.V.L. Milosz, Holderlin, Marie Louise Von Franz, François Hubert Lepargneur, Konstantinos Kavafis, Rainer Maria Rilke, São João da Cruz, Johannes Tauler e Paul Valéry. A tradução, em 1972, de *Elegias de Duino*, de Rilke, a que acrescentou seus próprios comentários, já a teria consagrado como tradutora de grande sensibilidade e rigor. A partir de 1975, dedicou-se às traduções de Jung e em seguida de poetas místicos. (FREITAS E SOUZA, 2013).

Vejamos o que a própria Dora nos diz sobre o traduzir:

A tradução ocupa um lugar tão importante quanto a criação. Eu era movida por entusiasmo. Queria escrever como eles. (...) Para mim, a tradução é, sim, um trabalho de recriação. A tradução literal não é poesia. Falta um *élan*, uma coisa ígnea. (...) Esta chama é a paixão. (in GALVÃO, 1999)

Mais do que se preocupar com detalhes técnicos ou linguísticos, ela alude a uma atitude de busca de identificação ou empatia com o autor original, pautada no entusiasmo, na admiração e na paixão. Ela fala numa recriação, o que parece remeter a quase uma coautoria.

A busca de mais elementos a respeito da tradução levou à leitura das correspondências de João Guimarães Rosa (1908-1967) com dois de seus mais importantes tradutores, no período de 1958 a 1967. Mantendo, cada um, intensa troca de cartas com o autor, Curt Meyer-Clason traduziu *Grande Sertão: Veredas* para o alemão, e Edoardo Bizzarri traduziu *Corpo de Baile* para o italiano. Ambos também se dedicaram à tradução de outras histórias e textos de Rosa, e Bizzarri o fez também com o *Grande Sertão*, mas entre 1969 e 1970, sem poder mais contar com o apoio do autor.

Depreende-se, da leitura dessas cartas (ROSA, 2003a; ROSA, 2003b), o estabelecimento de relações cheias de vitalidade e convívio epistolar entre autor e tradutor. Guimarães Rosa não pedia fidelidade ao original, mas parceria, recriação, invenção, continuação da escrita original da obra - um trabalho de sócios, o estabelecimento de uma relação a que se refere ora como “de irmãos”, ora de cooperação ou co-pensamento, de “parentesco anímico”, “afinidades de espírito”.

Rosa dava ampla liberdade a seus tradutores. Respeitava as diferenças e expressou, inúmeras vezes, sua admiração por soluções originais encontradas por Meyer-Clason e Bizzarri. Por outro lado, não deixava de buscar se certificar que eles permaneciam no âmago da obra sendo traduzida. Costumava insistir em que construíssem glossários, num esforço disciplinado de adentrar o texto; mas também os incitava a não permanecerem no literal ou concreto, e, sim, a buscarem o mais elevado, o “sovrassenso”. E, depois, quando o tradutor revelava ter apreendido o sentido maior do “sertão”, apoiava seus movimentos e soluções originais, com grande entusiasmo, dando menor valor aos glossários.

No caso de Dora Ferreira da Silva, não há troca de cartas ou uma relação direta com Jung. Mas saltam à vista as poesias que escreveu sobre muitos dos autores que traduzia, e não

apenas sobre eles (SILVA, 1999). Os poemas de Dora sobre os autores expressam uma busca de interlocução pessoal; ela queria contato com homem e obra, não abrindo mão de nenhum dos dois aspectos.

Sobre o próprio Guimarães Rosa escreveu um poema, definindo-o como cartógrafo da vida e quiromante do sertão. E em “Retrato de C.G.Jung”, ela nos leva simultaneamente ao lago de Zurique e ao Mar profundo, na companhia de uma criança capaz de articular as polaridades do interior e exterior, do eterno e do efêmero, e também de um velho capaz de contemplar a vida, tão insondável e tão limitada. E, nesse poema, reconhece o aspecto iniciático em Jung, acompanhando-o poeticamente até a morte.

Traduzir é recriar

Ler Jung não é apenas entrar em contato com uma visão de ser humano em seus conhecimentos e construção de uma abordagem psicológica. É também ter a experiência de novas perspectivas, ser convidado a recriar, a deixar que ocorram novos recortes e expressões, acreditando na possibilidade de novas versões de uma mesma qualidade de experiência humana. O próprio Jung teria relutado em consentir na fundação de instituto com seu nome, afirmando que não era possível algo como “ser junguiano”, preferindo manter um campo aberto a reflexões, posicionamentos e sínteses, teóricas e práticas, pessoais, de cada um que encontrasse sentido em suas ideias.

Nesta perspectiva, traduzir Jung é necessariamente um ato criativo, pois é ir à matriz original, ou circunscrevê-la e contemplá-la na medida possível, e, na volta, ser capaz de apresentar uma expressão original do que foi assim intuído. Jung nos fornece inúmeras considerações sobre os arquétipos – as matrizes originais, inconscientes, transpessoais, formas para apreensão de situações – e sobre os símbolos – expressões contextualizadas e singulares, recortes e criações que trabalham e dão novas apresentações, num aqui e agora sendo vivido, às possibilidades antes latentes, possibilitando movimento psíquico e a experiência de ampliação da consciência e de processos.

Os que se dedicam a estudar Jung são privilegiados por poder contar com uma tradutora de tamanho calibre e grau de envolvimento com a obra e o autor. Isto não se dá com todas as traduções. Ler Jung e ler poemas de Dora Ferreira da Silva acaba sendo uma experiência de imersão com tons iniciáticos e de uma certa religiosidade.

Em “Aion”, entre outros, Dora nos apresenta, em linguagem poética, essa possibilidade de atingir o arquetípico e dele conseguir uma expressão, a qual, por sua vez, transforma o sujeito.

Flor sideral
docemente arremessada ao éter
guiou-me ao centro da linguagem
ensinou-me a ler como arúspice
entranhas de eventos e pássaros
gerando –me na árvore
do espírito em flor. (SILVA, 1979, p.176)

Voltemos a Guimarães Rosa e suas cartas trocadas com os dois tradutores. Segundo os editores da correspondência com Meyer-Clason, ele teria dito que sua língua pretende voltar sempre à sua própria origem, num lugar onde as palavras se encontram nas entranhas da alma. Nas próprias palavras de Rosa:

Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada “realidade”, que é a gente mesmo, o mundo, a vida. (ROSA, 2003a)

Embora possa também ser considerado um escritor regionalista, Guimarães Rosa vai além – ou talvez aquém – ao trazer um sertão que é o terreno da eternidade e da solidão, onde não é possível separar o interior e o exterior, e onde se pode falar tanto a língua do interior de Minas Gerais quanto a de Goethe, de Dostoiévski, Flaubert (ROSA, 2003a). Porque é do arquetípico que ali se fala.

Por sua vez, Dora, em “Transpoema”, apresenta sua formulação do mesmo mistério:

De onde vens, quem sabe,
quem te sopra ao meu ouvido?

É o transpoema e seu ressaibo
é lembrança e olvido.

É um fruto oriundo
de algum ser – o mais profundo –
entre mim e tudo o mais.

É a curva de um caminho
é a urze, o rosamaninho
é o amor mais esquecido
que se sabe o mais querido.

É a flauta muito doce
é a canção de sempre e agora
é a carência e a plétora
a vida me fez assim.

O transpoema serpenteia
na minha alma-lua-cheia
e transborda tantos frutos.

Mas quem sopra em meu ouvido?
É lembrança e é olvido.

(SILVA, 2009, XII)

Os três autores aqui presentes aludem ao mistério da origem ou matriz nutridora da vida, com características universais e comuns a todo ser humano. Mas não ficam apenas aí. Falam do universal e do particular, articulando-os por meio do símbolo, segundo Jung, que se

manifesta com mais frequência como jagunço, no caso de Rosa, e como o próprio poema, em Dora.

No poema acima, é possível imaginar que Dora indaga sobre a natureza do arquétipo e também, ao final, fornece uma resposta que alude à dinâmica entre consciência e inconsciente, da qual resulta tanto a lembrança quanto o esquecimento.

Há outro poema de Dora que pode ser associado a uma circunscrição do arquétipo, “As Formas Prisioneiras”, e que se destaca por apresentá-lo como prisioneiro:

As formas prisioneiras por belas e dementes
esperam seu resgate. Nem veriam
a eclosão
essas duras crisálidas do sono
ocultas em pedras, telas, tramas,
insensíveis ao sol, à chuva fria,
nem júbilo
nem melancolia
sem que as desates.
Medram a medo
na ante-manhã, carentes de teu sonho,
princesas embalsamadas em sucessão estranha,
à espera. (SILVA, 1999, p.61)

Aqui, a profundidade de Dora permitiu-lhe imaginar os arquétipos em sua potência original e, num paradoxo, absolutamente dependentes do sonho do ser humano que os libertará da prisão do estado larval, que lhes permitirá de alguma maneira viver, serem resgatados, tal qual princesa enclausurada à espera do príncipe salvador, conforme alguns contos de fada, ou tal qual o criador que necessita da criatura para ser reconhecido e, portanto, vivido. Em outras palavras, até mesmo com as formas primordiais Dora conseguiu estabelecer uma relação que as aproxima e lhes dá um status.

Afinal, aplica-se também a Dora Ferreira da Silva, em seu trabalho de tradução do texto junguiano, o que afirmou Meyer-Clason, o tradutor de “Grande Sertão: Veredas” para o alemão:

Traduzir Rosa significa: solicitar a ajuda de todas as forças da imaginação; colocar em campo uma tropa inteira de faculdades imaginativas; tentar aqui e acolá pregar uma peça no autor, superar-lhe num ponto e por vezes registrar uma vantagem. (...) Em outras palavras: tenho de pensar sempre no todo e jamais apenas na frase considerada no momento. (ROSA, 2003a, carta 27)

Em se tratando de autores e tradutores como os aqui de certa maneira presentes, traduzir é realmente conviver, envolver-se, implicar-se, tomar a imaginação como faculdade criativa, recriar. Ou mesmo, simplesmente, criar.

Traduzir é ressacralizar

O símbolo é o conceito junguiano responsável pela comunicação entre o inconsciente e a consciência - *Self* e ego -, e pela apresentação de algo novo, que não deixe a vida psíquica permanecer em estagnação. Como a consciência é limitada e de maneira alguma dá conta de tudo, existe nela a possibilidade de se relacionar a algo que a transcenda. Existe um embasamento psíquico que fornece uma perspectiva religiosa, ou seja, uma possibilidade, e também uma necessidade, de desenvolver uma atitude de consideração cuidadosa com tudo que se apresente e adentre o campo da consciência.

Ao intercomunicar as duas instâncias e apresentar aspectos do *Self* ao ego, o símbolo funciona como um mediador. Ou um tradutor, que cria e põe tudo em movimento, promovendo ampliação e abrindo novas possibilidades de estruturação da consciência. Tal qualidade de realizar uma tradução faz com que o símbolo seja o melhor intérprete de si mesmo. Ele, por si e em si, é capaz de desempenhar o papel de mediação e transformação, não necessitando de muito, além de ser cuidadosamente considerado pela consciência. Por meio desta visão, a tradução atinge um enorme grau de profundidade.

Vejamos o que nos diz Guimarães Rosa a respeito do acesso ao mistério por meio do ato de escrever e da tradução:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse ‘traduzindo’, de algum alto original, existente, alhures, no mundo astral ou no ‘plano das ideias’, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa ‘tradução’. Assim, quando me ‘re’-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do ‘original ideal’ que eu desvirtuara...’ (ROSA, 2003b, p.8)

Salta à vista sua plena consciência de ser, mais do que um criador original, uma espécie de tradutor de algo de difícil circunscrição ou expressão. Aí reside sua dimensão artística e religiosa.

É possível considerar diferentes perspectivas na religiosidade do ser humano, a qual é condição para a experiência do sagrado. Há o aspecto de *religare*, ou seja, promover uma nova ligação, uma reconexão com algo que é originário, matricial. Mesmo tendo caminhado

muito no sentido da diferenciação quanto à origem inconsciente e fundante, urge sempre se reconectar a ela, pois ela nutre a vida humana e a impulsiona incessantemente. Tal religação pode se dar de inúmeras maneiras, sempre numa dimensão simbólica, da qual a poesia é uma das manifestações por excelência.

Há o aspecto de *relegere*, que alude a fazer uma releitura, na busca de sentido que caracteriza a vida humana, num associar e circoambular ao redor de qualquer símbolo que se apresente, no processo de ampliação da consciência e de individuação. Tais releituras acabam com situações de estagnação e resgatam o movimento simbólico da vida. São releituras que consistem de atitudes de consideração cuidadosa de tudo o que se apresente, possibilitando o contato com novos significados e, mesmo, em si nos significando e nos fazendo construir subjetividade, nos mantendo conectados ao que em nós nos transcende e que percebemos como sagrado, divino ou transcendente.

Isto tudo é muito diferente da religião enquanto instituição ou conjunto de dogmas, é muito diferente do que Jung considerava “confissão” e denunciava ter perdido a dimensão de propiciar a experiência religiosa. Trata-se, antes, da perspectiva de *religio*, presente na religiosidade, que traz a dimensão do sagrado, inerente à vida humana.

Dora Ferreira da Silva é tida como a poeta do sagrado (GALVÃO, 1999; CESAR, 2007; FREITAS e SOUZA, 2013). Por meio de sua poesia, ela chegava ao sagrado, fosse em pesquisas mitológicas, fosse no contato com a natureza, em estudos filosóficos, psicológicos ou sobre autores místicos. Traduzir textos de Jung, em que a experiência simbólica e a função religiosa da psique estão presentes e teoricamente elaborados, parece ter colaborado com o que já ocorria na experiência de Dora. O que dá a qualidade de sagrado a sua obra é fruto de sua atitude de uma consciência que se abre em cuidadosa consideração a tudo com que se envolve.

Sim, faz sentido buscar ressacralizar o mundo em pleno século XXI, e é necessário que o façamos. Isto garante nossa vida psíquica, garante a construção de nossa subjetividade, nosso caminhar e construir um processo de individuação, nosso estar neste mundo de maneira significativa. Dora Ferreira da Silva, em seu trabalho de tradução, no sentido mais amplo possível, da obra de Jung é um belíssimo exemplo de ressacralização do mundo por meio do texto e da poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Cesar, Constança Marcondes. “Dora Ferreira da Silva: caminhos em direção ao sagrado”, in *Revista Portuguesa de Filosofia* (número especial sobre o pensamento luso-brasileiro contemporâneo), tomo 67, fasc.2, pp.289-303, 2011.

Freitas e Souza, Enivalda Nunes. *Flores de Perséfone: a poesia de Dora Ferreira da Silva e o Sagrado*. Goiânia: Cânone Editorial/Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

Galvão, Donizete. “Entrevista de Dora Ferreira da Silva.”, *Revista Cult* (online). Maio de 1999. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/dgp5.html> (acessado em 09/07/2015).

Jung, Carl Gustav. *Obras Completas*. Petrópolis: Vozes, diversas datas.

Rosa, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Edição, organização e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; tradução Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2003a.

Rosa, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003b.

Silva, Dora Ferreira da. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

Silva, Dora Ferreira da. *Transpoemas*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2009.